

Reflexões sobre o ensino de Arte para graduação em Design: percepções docentes e relato de experiência

Reflections about Art teaching for Design courses: teacher perceptions and an experience report.

MINOZZO, Marcele Cristiane; Mestre; Universidade Federal do Paraná

minozzo@ufpr.br

CALOMENO, Carolina; Doutora; Universidade Federal do Paraná

carolcalomeno@ufpr.br

O presente artigo reflete sobre o ensino-aprendizagem em Arte e suas possíveis contribuições para o desenvolvimento de capacidades na formação em Design. Para tanto, investigamos quais as habilidades desejadas ao designer e como a disciplina de História da Arte é abordada nos cursos de Design. Entrevistas com professores desta disciplina, em instituições de ensino superior de Curitiba, foram realizadas para compreender a abordagem metodológica adotada e as mudanças que vem ocorrendo nos currículos. Complementarmente, foi realizada participação na disciplina de História da Arte para os cursos de Design da UFPR. Como resultado, constata-se que o ensino de Arte, na amostra estudada, tem sido reduzido em horas e número de disciplinas, e que um tempo maior permitiria aprofundamento e reflexão, visto que a Arte é necessária não apenas para construção de repertório visual mas como espaço para desenvolver sensibilidade e construção de uma consciência social para o futuro profissional do Design.

Palavras-chave: Ensino do Design; Arte-educação; Capacidades.

This paper reflects about Art teaching-learning and its possible contributions to capacity development in Design training. To do so, we investigate which skills are desired for designers and how the Art History discipline is approached in Design courses. Interviews with professors of this discipline in higher education institutions in Curitiba were carried out to understand a methodological approach adopted and the changes that have been taking place in the curricula. Complementarily, participation in the Art History discipline was carried out for Design courses at UFPR. As a result, it appears that Art teaching, in the studied sample, has been reduced in hours and number of subjects, and that a longer time would allow for in-depth and reflection, since Art is necessary not only for construction of a visual repertoire but as a space to develop sensitivity and build a social conscience for Design professional future.

Keywords: Design Teaching; Art Teaching; Skills.

1 Introdução

Neste artigo procurou-se compreender as relações entre Arte, Educação e Design, e como o ensino de Arte pode contribuir no desenvolvimento de capacidades desejadas aos designers, a fim de formar melhores profissionais. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura a fim de identificar quais são estas competências e habilidades, como a Arte se insere historicamente nos cursos de graduação em Design e quais abordagens de Arte-educação podem ser transportadas para o ensino de Design.

O conceito de Arte-educação aqui considerado tem fundamentação em Barbosa (1999) e Duarte Jr. (2000). Para estes autores, a educação artística, para além do aprendizado de uma técnica, é uma experiência sensível e transformadora, que educa o olhar através da construção de um repertório visual. A abordagem triangular descrita em Barbosa (1999) coloca o ensino da Arte sobre três pilares fundamentais: leitura de imagem, contextualização e o fazer artístico. Em um curso de Design, nos parece natural que existam diversas disciplinas cujo foco é o fazer artístico, tais como desenho, composição, expressão gráfica, projeto, modelagem, fotografia. Mas qual o espaço na grade curricular reservado para leitura de imagens, contextualização e discussões sobre a visualidade produzida por diferentes povos e momentos históricos, além da disciplina de História da Arte? É evidente que outras disciplinas, como História e Teoria do Design, Teoria da Cor, Estética, dialogam com as produções artísticas de diferentes períodos, e um bom repertório prévio do aprendiz contribuiria para um melhor aproveitamento destas.

O que motivou esta pesquisa foi a percepção de que a disciplina de História da Arte parece ter sido gradualmente reduzida nos currículos dos cursos de Design. Analisando as grades curriculares atuais das universidades públicas de Curitiba, que oferecem graduação em Design, percebe-se que a disciplina é ofertada apenas no primeiro ano de curso, em um ou dois semestres, e com carga horária reduzida em relação a outras disciplinas (UFPR, 2022; UTFPR, 2022), cenário bastante diferente do que se observava há duas décadas, analisando-se os currículos destas mesmas instituições.

As questões que pretendemos responder neste estudo são: **Como o ensino-aprendizagem de Arte pode contribuir para o desenvolvimento de competências importantes ao designer? E como a Arte pode ser abordada nos cursos de Design a fim de atingir este objetivo?**

Desenvolvemos esta pesquisa de forma a combinar dados teóricos sobre Arte, Design e Educação, a fim de identificar quais as competências que podem ser desenvolvidas pelo estudo da Arte e como podem contribuir com as necessárias aos designers. Outros temas de interesse são o histórico dos cursos de Design no Brasil e as práticas docentes no ensino superior. Para tanto realizou-se uma revisão de literatura sobre estes temas no Portal de Periódicos da Capes, que reúne as mais importantes revistas científicas. A busca no portal permite filtrar apenas artigos avaliados por pares, o que confere maior confiabilidade à pesquisa.

Uma revisão de literatura sistemática permite coletar dados de forma organizada e replicável (SANTOS, 2018). No entanto, a busca por palavras-chave pode excluir trabalhos importantes por diferenças nas terminologias. Portanto, outras fontes foram consultadas em revisões assistemáticas. Os dados teóricos foram analisados a partir do modelo de Conforto et al. (2011) com a definição de critérios de inclusão/exclusão dos artigos, além de critérios de qualificação. A estratégia principal de análise dos dados foi qualitativa.

Confrontamos os dados da literatura com dados empíricos, obtidos através de uma sondagem, que compreendeu entrevistas com professores de História da Arte para os cursos de Design

das principais universidades de Curitiba, e observação participante durante prática de docência em um semestre da disciplina de História da Arte nos cursos de Design da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Esta etapa trouxe a percepção dos docentes acerca do processo de ensino-aprendizagem de Arte na formação em Design, bem como das mudanças ocorridas nos currículos.

2 Breve Histórico do ensino de Design no Brasil

As primeiras escolas superiores de Desenho Industrial no Brasil tiveram sua base nas escolas alemãs Bauhaus e Ulm, e desde o início houve uma preocupação em integrar Arte, indústria e sociedade (SANTOS et al., 2014). Nestas escolas a formação baseava-se na experimentação de diferentes linguagens artísticas, que influenciavam os projetos para a indústria (Figuras 1 e 2).

Figura 1 - Obra de Piet Mondrian

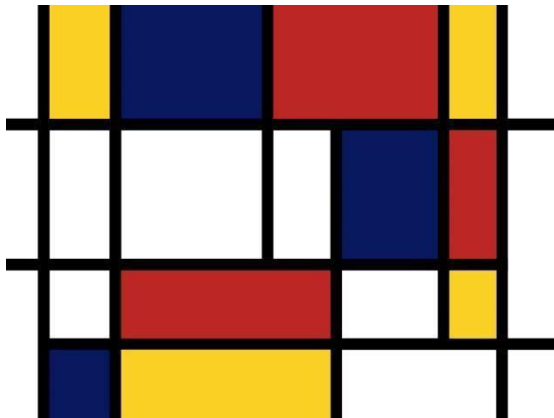


Figura 2 - Red and Blue Chair by Gerrit Rietveld



Fonte: <https://www.moma.org/collection/works>

Para os idealizadores do Modernismo Europeu a Arte era definida como produção de um indivíduo e o Design como aquilo que provinha da sociedade industrial. No entanto, o Design, tendo nascido da Arte e do artesanato, mantém relação próxima com estas áreas apesar da mecanização dos processos (CARDOSO, 2008).

Fundada em 1963, a Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI, no Rio de Janeiro, é reconhecida no meio acadêmico como a fundadora do ensino de Design no Brasil (LEON, 2011). Entretanto, na década anterior, em 1951, foi criado um curso no Instituto de Arte Contemporânea – IAC, do MASP (Museu de Arte de São Paulo), cujas relações entre Arte e indústria já eram discutidas e “o desenho industrial era considerado uma possibilidade de educar o gosto das massas, responsável pela cultura visual da sociedade moderna” (LONA; BARBOSA, 2020, p.59). Os conteúdos e procedimentos didáticos do curso do IAC, mais tarde, foram replicados na disciplina de Desenho Industrial na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP (LONA; BARBOSA, 2020).

No período seguinte, nas décadas de 1970 e 1980, houve um estímulo do governo às exportações, o que despertou interesse pelo Design nas indústrias, promovendo o crescimento da demanda por designers, a criação de mais cursos, de associações, de eventos, e de projetos para a regulamentação da profissão (LONA; BARBOSA, 2020).

Em 1987 o Conselho Federal de Educação reconheceu o ensino do Design e aprovou a proposta de um currículo mínimo para cursos de bacharelado em Desenho Industrial (LONA; BARBOSA, 2020).

Maass (2011) em sua pesquisa faz uma retrospectiva do surgimento dos cursos de Design no Brasil. A autora afirma que, apesar de muitos serem oriundos da transformação de cursos de Arte em Design, para aproveitar os incentivos oferecidos às áreas tecnológicas no período da ditadura, os currículos pouco se assemelham. **Disciplinas de Estética, História da Arte e Desenho Criativo foram retiradas ou suprimidas e assim os estudantes não eram estimulados a desenvolver o lado artístico.** (MAASS, 2011, grifo nosso).

Ainda segundo Maass (2011) há uma tendência no Design de valorizar os aspectos pragmáticos e instrumentais, porém, com o tempo e avanços tecnológicos as técnicas e ferramentas se tornam obsoletas. A autora defende portanto que “aprender a pensar é mais importante que aprender uma técnica” e que “os currículos das escolas estão muito calcados em valorizar o conhecimento quando o mais importante é valorizar o pensamento, a autonomia”. (MAASS, 2011, p. 144). Uma reorientação do modelo educacional, justifica-se ainda pela necessidade de formar pessoas para a democracia: questionadoras, críticas, comprometidas com as mudanças e não com a reprodução de modelos (FONTOURA, 2004).

O escopo do Design mudou e o ensino precisa mudar para preparar designers para um mundo em constantes e rápidas transformações (MEYER & NORMAN, 2019). Frascara (2020) entrevistou oito pensadores importantes do Design e da Educação para refletir sobre o ensino do Design. Questionados sobre a diferença entre educação e treinamento, os entrevistados responderam que o treinamento é importante para a atuação no mercado de trabalho, é o ensinar um ofício; já a educação é um processo individual e amplo que não pode ser transmitido, mas pode ser incentivado e apoiado.

Se neste nível o conhecimento não é transmitido do professor ao aluno, o que se deve fazer é formar pessoas conscientes, socialmente responsáveis, proativas, que sejam protagonistas na sua formação. Os educadores ainda estão confusos quanto ao seu papel neste mundo de constante mudança. Como ajudar o discente a “aprender a aprender”, desenvolver competências de flexibilidade e adaptação às constantes mudanças? O que a educação precisa é promover o desejo de aprender ao longo da vida, o amor pelo aprendizado (FRASCARA, 2020).

Uma forma de se conseguir uma compreensão das questões contemporâneas é manter-se em contato com a produção artística do seu tempo e sua cultura. A Arte, por sua natureza subjetiva, constrói as bases para o processo do conhecimento que articula o que é sentido (emoção) e o que é simbolizado (razão), o que pode contribuir para o desenvolvimento intelectual. (DUARTE JR., 2000).

3 Educação em Arte e sua relevância para a formação em Design

A Arte é importante para o desenvolvimento humano pois possibilita compreender o mundo e expressar-se. (BARBOSA, 1999, 2005; DUARTE JR., 2000; FREIRE, 2002; MAASS, 2011; READ, 2013; SANTOS et al., 2014).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, a Arte

contribui para o desenvolvimento da autonomia reflexiva, criativa e expressiva dos estudantes, por meio da conexão entre o pensamento, a sensibilidade, a intuição e a ludicidade. Ela é,

também, propulsora da ampliação do conhecimento do sujeito sobre si, o outro e o mundo compartilhado. É na aprendizagem, na pesquisa e no fazer artístico que as percepções e compreensões do mundo se ampliam e se interconectam, em uma perspectiva crítica, sensível e poética em relação à vida, que permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas. (BRASIL, 2018, s/p)

A BNCC define ainda as competências a serem desenvolvidas no ensino médio através do ensino da Arte:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. [...]

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, s/p)

A educação artística, para além do aprendizado de uma técnica, é uma experiência sensível e transformadora, que educa o olhar através da construção de um repertório visual (BARBOSA, 1999; DUARTE JR., 2000). A abordagem triangular para a Arte-educação, descrita por Barbosa (1999), coloca o ensino da Arte sobre três pilares fundamentais: **leitura de imagem, contextualização e o fazer artístico**. A autora defende o ensino de História da Arte, uma vez que “parte do significado de qualquer obra depende do entendimento do seu contexto” (BARBOSA, 1999, p.37).

Os vestígios conhecidos mais antigos da humanidade são imagens - as pinturas rupestres produzidas há dezenas de milhares de anos (KNAUSS, 2008). A produção humana a que chamamos arte traz informações sobre a estrutura social e política, valores e costumes de um povo, um determinado lugar ou um período. Partindo deste princípio, “nenhum povo existe no mundo sem arte” (GOMBRICH, 2015, p. 39).

A História da Arte se estabeleceu como disciplina, ensino e pesquisa na universidade, no século XIX, em 1873, em Viena, quando foi criado o Comitê Internacional de História da Arte, na ocasião do primeiro congresso de História da Arte. No Brasil, a Academia Imperial de Belas Artes incluiu a disciplina “História das Belas Artes, Estética e Arqueologia” em 1855, e, entre os requisitos para o ensino, exigia a combinação de recursos orais e visuais. (CAVALCANTI, 2009).

Para algumas categorias profissionais um contato com a Arte é especialmente importante: é difícil imaginar um bom designer, publicitário ou programador visual “que desconheça a

produção contemporânea das artes plásticas” ou “a produção gráfica da Bauhaus” (BARBOSA, 1999, p.31).

No mesmo sentido, Calado (2013, p.56) afirma que o estudo da História da Arte é necessário aos artistas e designers, uma vez que estes “em todas as épocas olharam para o passado, mais remoto, ou mais recente, para o reinterpretarem ou contestarem”. A autora afirma ainda que o conhecimento da Arte nacional pode contribuir com a originalidade da produção do Design e também para o desenvolvimento das economias locais.

Constata-se a relevância do ensino de Arte no perfil pretendido do(a) formado em cursos de Design, descrito nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design, em seu artigo 3º:

O curso de graduação em Design deve ensinar, como perfil desejado do formando, capacitação para a apropriação do **pensamento reflexivo e da sensibilidade artística**, para que o designer seja apto a produzir projetos que envolvam sistemas de informações visuais, **artísticas, estéticas culturais** e tecnológicas, observados o ajustamento histórico, os traços culturais e de desenvolvimento das comunidades bem como as características dos usuários e de seu contexto socioeconômico e cultural (BRASIL, 2004, p.2 - grifos nossos).

Entre as competências e habilidades necessárias ao profissional designer são citadas, neste mesmo documento:

a capacidade criativa para propor soluções inovadoras, [...] capacidade para o domínio de linguagem própria expressando conceitos e soluções, em seus projetos, de acordo com as diversas técnicas de expressão e reprodução visual [...] e a visão histórica e prospectiva, centrada nos aspectos socioeconômicos e culturais, revelando consciência das implicações econômicas, sociais, antropológicas, ambientais, estéticas e éticas de sua atividade. (BRASIL, 2004, p.2)

Entre os conteúdos básicos apontados pelas diretrizes destaca-se o “estudo da história e das teorias do Design em seus contextos sociológicos, antropológicos, psicológicos e artísticos [...]” (BRASIL, 2004, p.2). Este estudo em seu contexto artístico pode auxiliar em uma nova forma de visão de mundo, questionar o cotidiano para revelar como as coisas poderiam ser, aumentar a expressão de pensamentos, ideias e emoções (FLACH, et al, 2014).

A alfabetização visual, promovida pelo ensino da Arte, pode ser considerada como elemento fundamental para o Design, pois trata-se de uma linguagem formadora e libertadora. “De certa forma outra alfabetização necessária seria a do pensamento livre, aquele que permitiria ao ingressante de Design imaginar mundos possíveis e impossíveis, livres de formas pré-concebidas e de modelos já postos, já dados” (SANTOS et al, 2014 p. 77).

Assim como qualquer linguagem, a visual também é formada por elementos, que combinados tornam-se códigos, e estes precisam ser conhecidos para serem interpretados. A imagem comunica, mas o leitor precisa ter referências visuais para compreender a mensagem. Esta linguagem é fundamental para o designer, pois a imagem é matéria prima e produto de seu trabalho. A linguagem artística é fundamental para a formação estética do designer, pois

através da arte se desenvolve a linguagem visual, sensibilidade, criatividade e pensamento crítico (CALADO, 2013; FLACH, et. al., 2014; MAASS, 2011; SANTOS, et al., 2014).

O pensamento projetual e a interdisciplinaridade são características da atividade de Design desejáveis à formação de todas as pessoas. Ações como manipular ferramentas; escolher materiais; apreciar e analisar as características formais; projetar e definir formas, padrões de cor, textura e acabamentos, atuam na sensibilização e tomada de decisões essencialmente estéticas (FONTOURA, 2004).

O Design, segundo Fontoura (2004), estabelece relações tanto com a Arte quanto com a tecnologia. Arte e Design são áreas análogas e sua união promove a humanização da tecnologia (FONTOURA, 2004). Mozota (2003) segue além ao compreender a Arte e a Ciência igualmente basilares para o Design, compondo o alicerce primário para a sua linguagem, portanto, a Arte é necessária como processo de letramento e alfabetização do designer (Santos et al., 2014, p.77).

Se Arte e Design são áreas análogas e se a linguagem artística é fundamental para o designer, é necessário investigar se a disciplina de História da Arte, da forma como se apresenta hoje nas matrizes curriculares dos cursos de graduação, cumpre seu papel na educação estética. Não apenas o currículo, mas as práticas e meios selecionados pelos docentes desta disciplina, são importantes para propiciar a construção do conhecimento para ingressantes em cursos de design, que por vezes, em sua vida escolar, não tiveram acesso a museus, trabalhos artísticos, textos de curadoria, crítica ou mesmo livros de arte, ou seja, não tiveram contato prévio com conteúdo teórico sobre Arte.

Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, quando criaram a UNB (Universidade de Brasília), adotaram iniciativas que hoje estão se popularizando: os educadores propuseram um ciclo básico no período inicial, que durava dois anos e permitia aos alunos transitarem entre diferentes áreas de formação. Neste período era estimulado o contato especialmente com a escola de Arte, que tinha o objetivo de **“formar cidadãos dignos de receber e reconhecer o patrimônio histórico cultural”** (MAASS, 2011, p. 136, grifo nosso).

As questões levantadas na revisão de bibliografia sobre ensino de Arte para o Design no Brasil foram:

- a) O ensino do Design originou-se a partir de práticas artísticas e o estudo da arte é fundamental para a formação estética do designer (LONA e BARBOSA, 2020; CALADO, 2013; FLACH, et. al., 2014; MAASS, 2011; SANTOS, et al., 2014);
- b) A arte educação desenvolve **sensibilidade, criatividade, a linguagem visual, cria repertório visual e o estimula o pensamento crítico-reflexivo** (BARBOSA, 1999, 2005; DUARTE JR., 2000; READ, 2013);
- c) As habilidades e competências acima citadas são desejadas ao designer (BRASIL, 2004).
- d) Há uma tendência a suprimir as disciplinas teóricas e relacionadas com as Artes das grades curriculares em cursos de Design (MAASS, 2011);
- e) A formação do designer no contexto atual, de constantes mudanças, deve ser direcionado menos ao ensino de técnicas e ferramentas, e mais para o desenvolvimento de maior autonomia e cidadania (FONTOURA, 2004; MAASS, 2011; MEYER & NORMAN, 2019; FRASCARA, 2020).

A fim de verificar se as questões levantadas na literatura são igualmente percebidas pelos docentes realizou-se uma sondagem, que compreendeu entrevistas¹ semiestruturadas com professores de História da Arte, que atuam em cursos de graduação em Design em universidades públicas e privadas de Curitiba.

Complementarmente, realizou-se a participação semanal², nas aulas da disciplina de História da Arte, na graduação em Design da UFPR, no segundo semestre do ano de 2021, cujo objetivo foi observar o desenvolvimento desta disciplina, os conteúdos selecionados e abordagens adotadas, além das formas de avaliação e participação discente.

4.1 Entrevistas com docentes da disciplina de História da Arte para cursos de Design.

Foram selecionados para as entrevistas quatro professores (Quadro 1) que lecionam História da Arte para cursos de graduação em Design nas maiores e mais tradicionais universidades de Curitiba, sendo duas públicas e duas privadas. Para esta seleção foi considerado, além das instituições, o tempo de docência, o que lhes confere visão privilegiada do campo, e a relevância destes profissionais no meio acadêmico e no meio artístico. O convite foi formalizado, através de correio eletrônico, pelo envio de documentos como o termo de consentimento livre e esclarecido de participação na pesquisa, a autorização para gravação e divulgação de trechos das entrevistas e do roteiro semiestruturado que orientaria a conversa para avaliação prévia. Todos os docentes aceitaram prontamente participar e mostraram-se muito receptivos.

Quadro 1 – Participantes da Entrevista

Docente	Formação	Tipo de IES Atual	Tempo de Docência/ Atuação em Arte
Professora A	Graduação em Desenho Industrial, Especialização em História da Arte, Mestrado em Artes Visuais e Doutorado em Design	Privada	10 anos - Pesquisadora em Arte
Professora B	Graduação em Desenho Industrial, Especialização em História da Arte e Mestrado em Comunicação	Pública	22 anos - 15 anos de trabalho na Fundação Cultural de Curitiba

¹ As entrevistas foram realizadas por meio do aplicativo Zoom ou presencialmente na IES do(a) docente, de acordo com a disponibilidade dos professores

² Esta participação se deu como Prática Docente da primeira autora, atividade formativa desejável aos alunos de pós-graduação compondo carga horária como atividade complementar ao do processo de doutoramento do Programa de Pós Graduação em Design da UFPR, no período de agosto a dezembro de 2021.

Professor C	Graduação em Educação Artística, Mestrado e Doutorado em História	Pública	25 anos – Curador e Pesquisador em Arte
Professor D	Bacharelado em Pintura, Mestrado em Semiótica e Doutorado não concluído em Artes	Privada	Mais de 30 anos - Curador e Pesquisador em Arte

Fonte: As autoras (2022)

Observa-se no Quadro 1 que todos os professores entrevistados possuem alguma formação em Arte, em nível de graduação ou pós graduação, que apenas dois são designers e que três deles atuam (ou já atuaram) na área artística e cultural, para além da academia.

As entrevistas foram realizadas virtualmente ou presencialmente, orientadas por questões abertas (Quadro 2), em um formato semiestruturado, cujo principal objetivo foi compreender as percepções desses profissionais sobre a sua prática profissional, especialmente a respeito da relevância do ensino de História da Arte para a formação em Design, bem como a respeito das mudanças ocorridas, ao longo da suas carreiras, nos currículos dos cursos de Design.

Quadro 2 – Roteiro das entrevistas semiestruturadas

Roteiro da Entrevista	
Nome do(a) Professor(a):	
Instituição:	
Data da Entrevista:	
1	Qual sua formação?
2	Quando/como/por que se tornou professor(a) no Curso de Design?
3	Como você vê a relação entre Arte e Design?
4	Como a Disciplina de História da Arte é ofertada no curso em que você leciona - carga horária/ em qual(is) período(s)?
5	Qual sua abordagem pedagógica? Como é sua prática docente? Qual a sua visão quanto aos processos de ensino-aprendizagem?
6	Qual o escopo da Disciplina? Como seleciona os conteúdos? Na sua opinião quais são mais relevantes para o Design?
7	Os conteúdos de História da Arte se relacionam de alguma forma com as demais disciplinas do curso? Há colaboração com outras disciplinas?
8	O(a) Sr.(a) acompanha a trajetória acadêmica destes alunos, consegue perceber a repercussão da disciplina ao longo e final do curso?
9	Quais as dificuldades e motivações em lecionar H.A. em um curso de Design?
10	Consegue imaginar uma formação em design que não aborde a História da Arte?
11	Sobre sua experiência em sala de aula, há algum acontecimento que o marcou de forma especial?

Fonte: As autoras (2022)

Os docentes entrevistados observaram que os cursos nos quais lecionam são semestrais e a oferta da disciplina de História da Arte acontece no início do curso, em um semestre ou no máximo dois, quando há separação entre Arte geral e Arte brasileira. Quanto a alterações curriculares, ocorridas ao longo da sua docência, afirmaram que a carga horária do ensino da Arte tem sido reduzida e, em um dos casos, passou para a modalidade de EaD³:

Professora B: *Eu estudei no antigo Cefet, no curso técnico de nível médio em Desenho Industrial, que era um curso de 4 anos [...] Neste curso havia 6 semestres de História da Arte era bem diferente do contexto atual. Eu não conheço um curso de Design que tenha uma carga horária parecida com essa. [...] Na minha experiência tenho visto a carga horária de História da Arte ter sido reduzida dos cursos nos últimos anos. E esta referência do curso técnico pode ser importante para demarcar que de fato estas cargas horárias eram bem maiores, e esta maior ainda do que eu conheço nos cursos superiores. Quando eu entrei na Federal o curso tinha 5 anos e era um ano inteiro de História da Arte Geral e um ano inteiro de História da Arte Brasileira.*

Professora A: *O que eu gostaria de reforçar é que eu estou acompanhando um processo em que as disciplinas como História da Arte, que são disciplinas ditas teóricas, estão migrando para o formato EAD e faz já um tempo que o MEC permite que os cursos ofereçam conteúdos até vinte por cento EAD, e eu tenho acompanhado este processo. Quando eu entrei eu ministrei a disciplina de História da Arte Brasileira, na sequência houve uma reformulação e História da Arte deveria englobar também a Arte Brasileira, em um ano. Depois o curso passou a ser semestral, e tinha História da Arte 1 e 2, mas História do Design passou a ser semestral, já encurtou. Depois de uns anos, nova reformulação, e tornou-se História da Arte e da Cultura porque a ideia era que essa disciplina fosse ofertada a todos os cursos que trabalhassem com História da Arte, desde Pedagogia, Design, Arquitetura, mas esta ideia não foi para frente. Só para você ter uma ideia, de dois em dois anos eu tinha que lidar com uma situação diferente, com carga horária diferente, tinha que remanejar uma série de coisas. Aí depois juntou História da Arte e do Design, aí já não tinha mais as disciplinas separadas. [...] E hoje, 2021, é o primeiro semestre da minha vida que não ministro História da Arte. Os alunos têm História da Arte Moderna no modelo EAD, com aulas gravadas, com tutor, é isso.*

Esta redução de carga horária e mudança de modalidade, para EaD, exigiu que os professores adotassem abordagens e ênfases diferentes, privilegiando temas mais contemporâneos, indicando leituras, e utilizando o tempo em sala de aula para discutir relações entre Arte e Design. Embora a ementa das disciplinas contemple explorar desde a Arte da Pré-história até Arte Contemporânea, muito deste conteúdo fica restrito a leituras e não é discutido em sala de aula, segundo afirmam os(as) entrevistados(as):

Professor C: *No início, o habitual, era proposta para o Design uma narrativa de Arte hegemônica, o tempo era mais longo, dividido em um ano de História da Arte Geral e um ano de História da Arte Brasileira. Da pré-história até a contemporaneidade. E no Brasil era arte indígena, colonial até a arte contemporânea. Eu achava que estas narrativas não ajudavam os estudantes a construir um pensamento de Design [...]*

³ A Educação a Distância (EAD) de acordo com o Art. 1º do Decreto n 5.622, de 19 de dezembro de 2005, consiste na modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Professora A: *Eu articulo muito os estilos ainda, e eu acho que isso é importante na graduação porque eu acho que nomear ajuda a gente a ver, ajuda a reconhecer [...], mas articulando uma abordagem mais cultural.*

Professor D: *Trabalho mais com os conceitos abrangentes, não há tempo para aprofundar. Arte necessita de reflexão e para isso o tempo é necessário. Para falar sobre a Arte Brasileira. A História da Arte é a história da forma. O Design tem se preocupado muito com a função.*

Professora B: *Como temos uma carga reduzida e como eu acho fundamental trabalhar com Arte contemporânea eu tento intercalar, e normalmente coloco alguma questão da de Arte contemporânea em quase todas as aulas. Eu trabalho muito mais rapidamente conteúdos mais tradicionais, eu indico leituras, indico possibilidade de estudo destes conteúdos mais tradicionais, mas o tempo de sala de aula dedicado a eles é bem menor [...] por que eu acho importante, quando trabalho com cursos de Design, pelo menos deixar claros os pontos de conexão com a História do Design.*

Sobre as abordagens didáticas adotadas pelos(as) docentes entrevistados(as) para o ensino aprendizagem em arte, há um predomínio de aulas expositivas, com espaços para diálogos e discussões. A leitura de imagens, a contextualização e a reflexão sobre narrativas construídas a partir da arte ou pela arte, também são recursos didáticos adotados pelos(as) docentes.

Os docentes entrevistados que são não licenciados afirmaram sentir maior dificuldade em adotar abordagens pedagógicas menos tradicionais, especialmente no que tange às metodologias específicas para o ensino superior, que não foram abordadas nem na licenciatura nem nos cursos de pós-graduação. Por outro lado, um dos docentes entrevistados afirmou que a própria prática projetual do design é compatível com metodologias ativas:

Professor D: *Todas estas metodologias de ensino que vem se desenvolvendo, a Bauhaus já fazia[...] o design nunca fez diferente, a gente não sofre consequências com as metodologias ativas porque a gente sempre trabalhou com metodologias ativas.*

Uma preocupação em especial refere-se às formas de avaliação, há um reconhecimento pelos(as) entrevistados(as) de que ela pode não contemplar a aferição do real aprendizado ou da experiência do discente:

Professora A: *Nas avaliações eu acabava favorecendo muito a questão da escrita e acho que isso afastava alguns alunos, especialmente os calouros. Porque a gente sabe que no país é bem complicado, muitas pessoas têm dificuldade com leitura e escrita. E isso muitas vezes me impressionou muito mal, e eu ficava pensando... será que precisava ser esta avaliação? Será que este aluno não poderia se aproximar deste movimento sem esta mediação do texto, ou a avaliação do texto?*

Os(as) docentes entrevistados(as) consideram Arte e Design áreas distintas, embora muito afins, e reconhecem a importância da Arte para a formação de um designer, não apenas na construção de repertório mas de formação de cidadania e consciência crítica.

Professor D: *São áreas irmãs. Onde começou o Design? Quando começou? Nos românticos ingleses. O Design moderno surge na Bauhaus, que era uma escola de Belas Artes, com a proposta de trabalhar com todas as linguagens artísticas e a síntese das artes é que origina o Design. O estatuto do Design surge em Ulm, tentando separar Design e Arte, o que gerou os problemas, a desmotivação dos alunos pela separação do humanismo e da Arte. O Design nasce no mundo moderno, uma união entre tecnologia e Arte. Ambos falam de forma. E estudar a história da forma sem estudar Arte não é possível.*

Professora A: *Historicamente o Design foi de certa forma um desdobramento das atividades artísticas. Então não é possível negar esta espécie de ascendência. Mas eu sou um tanto reticente com estes consensos, com estas sobreposições. Eu trabalho muito com os alunos, inclusive uma consciência de que Arte e Design não tem o mesmo status e que, talvez, seja mais estratégico perceber em que medida você se aproxima da Arte, em que medida você se afasta dela.*

Professora B: *Gosto de pensar com algum rigor nas definições de área, eu vejo o Design a partir de alguns pressupostos que definem Design e a Arte a partir de pressupostos que definem a área, então, a priori, seriam áreas distintas. Mas eu gosto de pensar que embora distintas, e faço uma imagem disso como um círculo e que há uma certa clareza do que é a área meio que no centro deste círculo e quanto mais se aproxima das bordas mais indefinida [...] sem aquela pureza. A gente chega nas coisas mais híbridas pela borda e eu gosto de pensar que nestas bordas as áreas podem se tangenciar [...] Me parece que o designer, quando atua no âmbito da linguagem do design, ter familiaridade com outras circunstâncias de linguagem é bastante rico, aumenta a complexidade do pensamento em linguagem. Então eu acredito que colabora para a formação do designer ele ter contato, acompanhar, ter um certo gosto por artes visuais, e obviamente ter repertório. Mas eu acho que é mais do que ter repertório, é uma certa sensibilidade, proximidade[...] Me parece que quanto mais complexo e amplo o repertório de um designer melhor pra sua atuação. E não é só artes visuais, é teatro, dança, uma série de outras linguagens.*

Perguntados se conseguiriam imaginar uma formação em Design sem História da Arte, foram unânimes em discordar:

Professora A: *Eu não consigo. Porque eu acho importante o reconhecimento desta trajetória. Eu só vou entender mais ou menos onde eu estou, me situar como estudante de Design se eu entender que o Design já foi várias outras coisas. Inclusive que houve todo um esforço para se separar da Arte.*

Professor D: *Não há como. Não sei se especificamente História da Arte, mas uma disciplina de Arte precisa ter, e que faça conexões com a História do Design*

Professor C: *Seria uma pena no sentido que a Arte entra em algo que o design também tem, talvez esta educação pela proposta artística que reúne algo de sensível, de comprometimento social, acho que tem muito a trazer para o Design. Somos produtores de visualidade. Arquitetura, Design, Artes Visuais. Então, abordar estas questões de visualidade de todas as maneiras possíveis, nas questões mais técnicas, mas pensar que existe um sujeito e uma razão para estar fazendo isso. As três áreas têm que ter isso. Uma arquitetura descomprometida com a sociedade não vai produzir nada de bom, vai projetar apartamentos pavorosos que parecem prisões. Em design a mesma coisa, vai mediar as relações da pessoa com o mundo, a sensibilidade, a gente fica irmanado nisso, estamos todos envolvidos em um projeto social de sensibilidade e visualidade, é isso que nos une.*

Sobre as trocas entre História da Arte e outras disciplinas os professores afirmaram que a interdisciplinaridade, embora seja desejada, não é contemplada na própria estrutura dos cursos e que, quando ocorre, é por iniciativa e proximidade entre os docentes.

4.2 Relato de Experiência: participação na disciplina de História da Arte

A observação participante na Disciplina de História da Arte para os cursos de Bacharelado em Design Gráfico e Design de Produto da UFPR, aconteceu no segundo semestre de 2021. A modalidade de ensino foi remota, mas com encontros síncronos de 2h semanais, através da

plataforma *Microsoft Teams* e atividades assíncronas, como leituras e reflexão sobre produções artísticas que deveriam ser apresentadas textualmente.

Devido à suspensão das aulas pela pandemia de Covid-19, a disciplina não foi oferecida pelo período de um ano, então, neste retorno, 108 alunos realizaram a matrícula, situação possível apenas por tratar-se de ensino remoto. Porém, um número menor comparecia com regularidade aos encontros síncronos e houve desistências no decorrer do semestre. O professor abordou os conteúdos, privilegiando arte moderna e contemporânea, a partir das narrativas construídas por (e a partir de) obras apresentadas, de grande diversidade de técnicas e suportes e privilegiando artistas brasileiros. As aulas eram expositivas mas com aberturas para discussão e foram organizadas por temas como: ativismo, questões de gênero, raça, política, natureza, entre outras. O professor sugeriu literatura de História da Arte, mas durante as aulas não foram apresentados movimentos e períodos e nem questões formais, embora fossem referenciados com frequência nas discussões. Outros materiais como artigos publicados em periódicos, páginas em redes sociais e vídeos de canais do Youtube foram indicados como conteúdo complementar.

Embora houvesse uma abertura para discussão, poucos alunos ativavam suas câmeras e microfones durante as aulas, normalmente os mesmos em todas as aulas. A não familiaridade com o formato remoto e o horário de início das aulas, que era às 7h30min, podem ter sido fatores de desestímulo à participação, visto que os discentes acompanhavam as aulas de casa, situação que pode trazer interferências de familiares ou invasão da privacidade.

As avaliações consistiram na produção de texto crítico/reflexivo sobre uma obra de arte de livre escolha dos discentes, desde que dialogasse com os temas abordados em aula. Estes textos deveriam ser postados na plataforma *Microsoft Teams* que identifica e registra data e horário de entrega.

Embora a participação nas aulas não tenha sido intensa, os resultados das avaliações foram bem interessantes: ao relacionar e problematizar as obras com os temas discutidos, alguns alunos aprofundaram análises, apresentaram referências de artistas contemporâneos não citados em aula, questionaram a representatividade de artistas mulheres em uma determinada página de divulgação de arte e se posicionaram sobre a postura de artistas nas redes sociais. Contudo, alguns poucos discentes apenas descreveram as obras, ou repetiram as análises do professor, sem acrescentar uma visão crítica sobre um determinado discurso.

A participação da autora na disciplina consistiu em participar dos debates e discussões, auxiliar o professor na busca por referências e nas avaliações. Esta participação foi enriquecedora e bastante importante, não apenas como experiência docente à pós-graduanda, mas como auxílio ao professor em um momento de demandas desafiadoras.

De maneira geral, o que se pode perceber é que a partir das aulas de História da Arte os alunos puderam refletir, compreender e até mesmo problematizar questões da sociedade contemporânea. Porém a avaliação textual, construída assincronamente, não permitiu mensurar a ampliação de repertório artístico dos discentes durante a disciplina. As diferenças percebidas entre os alunos que se mostraram mais críticos e perceptivos em seus textos e os que não trouxeram contribuições além das discussões em aula podem ser resultado do contato prévio com produções artísticas ou de experiência com pesquisa e escrita, algo que o professor só consegue distinguir com tempo de convivência com os alunos.

5 Análise e Discussão dos resultados

A percepção dos docentes corroborou com os dados teóricos ao apontar o ensino-aprendizagem de Arte como meio de construir um repertório visual, além de desenvolver sensibilidade, uma maior complexidade de linguagem visual e pensamento crítico: fundamental, portanto, à formação de designers. Todos os professores percebem um enxugamento na carga horária de disciplinas teóricas dos cursos de design, em especial de História da Arte. Em uma Universidade privada a disciplina tornou-se EaD. Diante deste contexto, preferem trabalhar com conceitos mais gerais e indicar bibliografia, utilizando o tempo em sala de aula para discussões. Mas afirmam que estas discussões poderiam ser mais ricas e aprofundadas se houvesse mais tempo. Todos os professores afirmaram que suas aulas são expositivas e dialogadas, com foco em leitura de imagens e relação com contextos e narrativas.

O escopo da disciplina de História da Arte é embasar desde a pré-história até a Arte contemporânea. Três professores preferem abordar a história em uma linha cronológica apresentando movimentos e períodos conforme a disciplina foi concebida. Um professor, no entanto, prefere partir de discussões sobre arte e construção da cidadania, questões sociais e políticas, discussão de problemáticas contemporâneas instigadas pela arte.

Um problema levantado pelos(as) entrevistados(as) é que há carência de metodologias de ensino aos não licenciados, cujas abordagens metodológicas no ensino da arte ainda são bastante tradicionais. Ponderamos aqui se tal fato reflete um corpo docente formado por designers, ou bacharéis, que não tem formação pedagógica.

A interdisciplinaridade é outra característica cada vez mais necessária, uma vez que a sociedade contemporânea é complexa e busca-se diversidade. Habilidades como trabalho em equipe são bem vindas em muitas empresas, e as equipes de criação são multidisciplinares. O aluno será um profissional melhor preparado se souber dialogar com pessoas de outras áreas e relacionar diferentes saberes. No entanto, a interdisciplinaridade, embora desejada, não acontece de forma intensa nos cursos, o que impacta no isolamento da História da Arte das demais disciplinas dos cursos.

A observação em aulas foi importante para conhecer uma abordagem mais contemporânea e crítica de ensino da Arte. Porém, o fato de ter ocorrido em contexto de pandemia, em ensino remoto e para turma bastante numerosa, pode ter contribuído para uma menor participação discente. De qualquer maneira, as discussões em aula e a leitura e avaliação dos textos sob supervisão do professor permitiram uma compreensão do contexto e das dificuldades em relação à escassez de tempo para aprofundamentos e para propostas de interdisciplinaridade.

A participação discente resumiu-se a discussões em sala de aula e, pôde-se perceber, pela etapa de observação participante, que não ocorre de forma intensa e nem atinge todos os alunos. As aulas são predominantemente expositivas, embora exista um espaço para diálogo, mas os conceitos são formulados pelo professor. Compreendemos que o formato remoto pode ter comprometido uma interação maior dos alunos. A avaliação, em forma de texto reflexivo e análise de imagens, trouxe resultados interessantes, mas é limitada se a pretensão for avaliar o crescimento dos discentes durante a disciplina, bem como se o repertório artístico destes alunos foi ampliado.

Como resultado constata-se que o ensino de Arte, na amostra estudada, tem sido reduzido em horas e número de disciplinas, e que um tempo maior permitiria aprofundamento e reflexão, visto que a Arte é necessária não apenas para construção de repertório visual mas como

espaço para desenvolver sensibilidade e construção de uma consciência social para o futuro profissional do Design.

6 Considerações Finais

Ao confrontar as questões levantadas na revisão bibliográfica com os dados colhidos empiricamente pudemos perceber que o ensino da História da Arte é considerado estruturante e formador da educação visual, embora nos cursos de Design o movimento seja de enxugamento ou de supressão de disciplinas ditas teóricas e ligadas à Arte.

As entrevistas foram realizadas com uma amostragem pequena de professores, porém o que se pretendia era um levantamento qualitativo. Os profissionais selecionados têm muita experiência no campo e visualizaram mudanças importantes na formatação dos cursos, ao longo das suas carreiras docentes. O tempo escasso para ministrar a disciplina foi apontado por eles como principal problema.

Em relação às abordagens de ensino, percebeu-se uma carência de formação pedagógica para os professores de graduação não licenciados. O mundo contemporâneo exige mais autonomia dos estudantes o que é incompatível com uma formação tradicional. Percebeu-se que especialmente as formas de avaliação são um ponto questionado em suas próprias práticas docentes. O que nos leva a questionar se estas estão realmente contribuindo para a formação de competências e saberes ao futuro designer.

Uma investigação com amostragem maior de professores poderia fornecer dados mais robustos. A participação em aulas presenciais permitiria maior proximidade com os discentes e assim uma melhor percepção sobre suas expectativas e resultados.

Pretendemos investigar, como desdobramento deste estudo, o movimento interdisciplinar, de que forma a História da Arte pode e deve contribuir com conteúdos de outras disciplinas e que práticas docentes facilitariam este movimento.

Este estudo buscou contribuir com o campo do Design ao discutir a educação visual por meio de abordagens de ensino em Arte, e da disciplina de História da Arte como elemento fundamental. Ao refletir sobre a formação, não apenas técnica, mas estética e pessoal do discente, contribui também para que a atuação profissional do designer seja respaldada com maior repertório, para argumentações e defesas projetuais.

Capacidades desenvolvidas através da Arte como criatividade e pensamento divergente, são componentes da inovação, essencial para avanços no campo tecnológico e econômico. A construção de um pensamento crítico e disruptivo leva à conscientização do designer sobre sua responsabilidade social e ambiental. Desta forma, procuramos também contribuir com a universidade no seu objetivo de desenvolvimento social.

7 Referências

- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BARBOSA, A. M. (Org.). **Arte Educação Contemporânea**: Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez, 2005
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/a-area-de-linguagens-e>

suastecnologias Acesso em 31 jul 2022

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 5, de 8 de março de 2004. Aprova as **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design** e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília: SESU/MEC, 2004. Disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05_04.pdf Acesso em 31 jul. 2022

CALADO, Margarida. Por que ensinar História da Arte. In: **Matéria-prima**. - Lisboa, 2013. - Vol. 1, nº 1 (jan./jun. 2013), p. 56-62. ISSN 2182-9756. Disponível em https://repositorio.ul.pt/handle/10451/9601?locale=pt_PT

CARDOSO, Rafael. **Uma Introdução à História do Design**. São Paulo: Blucher, 3. ed. 2008.

CAVALCANTI, Ana. **O estudo da História Da Arte e o Século XIX**. 2009. V Encontro de História da Arte. IFCH / UNICAMP. Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2009/CAVALCANTI,%20Ana%20-%20VEHA.pdf> Acesso em 30 mai 2021.

CONFORTO, E. C. et al. **Roteiro para revisão bibliográfica sistemática**: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DE PRODUTO CBGDP, 8., 2011, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: Congresso Brasileiro de Gestão e Desenvolvimento de Produto CBGDP, 2011. p. 1-12

DUARTE JR., João Francisco. **Por que Arte-educação?** Campinas: Editora Papyrus, 6. ed. 2000.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte**. 16.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

FLACH, L.; MEDEIROS, I. B. de O.; FIGUEIREDO, M. D.; OLTRAMARI, A. P. Aprendizagem e competências por meio das artes: atividade profissional e vivência artística em diálogo. **RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 121–154, 2014. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/race/article/view/3444>. Acesso em: 14 jun. 2021.

FONTOURA, Antônio Martiniano. **EdaDe** : a educação de crianças e jovens através do design. Tese. Doutorado em Engenharia de Produção. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002

FRASCARA, Jorge. Design Education, Training, and the Broad Picture: Eight Experts Respond to a Few Questions. **She Ji The Journal of Design, Economics, and Innovation** Vol. 6, No. 1, Spring 2020. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2405872620300058> Acesso em 17 nov 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

KNAUSS, Paulo. **Aproximações disciplinares**: história, arte e imagem. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 151-168, dez. 2008 Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/view/7964/4752>. Acesso em 31 jul 2022.

LEON, Ethel. **Primeira Escola de Design do Brasil**. In: IAC. Disponível em: <http://www.blucher.com.br/livro/detalhes/iac-primeira-escola-de-design-do-brasil-655>. Acesso em: 26 de outubro de 2021.

LONA, Mirian Therezinha; BARBOSA, Ana Mae. O ensino de Design no Brasil: formação das escolas, Diretrizes Curriculares Nacionais e Enade. **DATJournal** v.5 n.2 2020. Disponível em <https://datjournal.anhembibrasil.br/dat/article/view/192/154> Acesso em: 16 de novembro 2021

MAASS, M. C. **Design e Cidadania**: defesa da Educação Artística. Tese de Doutorado.



Universidade de Brasília, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2011.

MEYER, M. W., NORMAN, D. Changing Design Education for the 21st Century. **She Ji The Journal of Design, Economics, and Innovation**. Vol. 6, No. 1, 2020 Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.sheji.2019.12.002>

MOZOTA, Bridge B. **Design Management: Using Design to Build Value and Corporation Innovation**. New York: Allworth Press, 2003.

READ, H. **A Educação pela Arte**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SANTOS, A. (org.). **Seleção do método de pesquisa: guia para pós-graduando em design e áreas afins**. Curitiba: Insight, 2018. P.72-89.

SANTOS, F. A.; SOUTO, V. T. GARROSSINI, D. F. A importância da alfabetização artística e sensível para a formação de designer no Brasil. Bauru, 2014 **Educação Gráfica** - V.18 - N. 02 Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21348/1/ARTIGO_ImportanciaAlfabetizacao.pdf Acesso em 18 ago. 2020

UFPR. Setor de Artes, Comunicação e Design – Sacod. Departamento de Design. Grade Curricular Design Gráfico. Disponível em: <http://www.sacod.ufpr.br/portal/coordesign/> Acesso em 18 jun. 2022

UTFPR. Departamento Acadêmico de Desenho Industrial - DADIN. Disponível em: <https://dadim.ct.utfpr.edu.br/> Acesso em 18 jun. 2022